

XVIII

CIC

XI ENPOS
I MOSTRA CIENTÍFICA



Evoluir sem extinguir:
por uma ciência do devir



EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL UTILIZADOS PELO TÉCNICO DE ENFERMAGEM AO MANIPULAR O ÁCIDO PERACÉTICO NA DESINFECÇÃO DE ALTO NÍVEL¹

DUTRA, Mytzly Marques Guex¹, MUNIZ, Rosani Manfrin², GUIMARÃES, Silvia Regina Lopes³.

¹ Acadêmica de Enfermagem do 9º semestre da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas- UFPel. myguex@hotmail.com.

² Doutora em Enfermagem, enfermeira e professora da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas- UFPel. romaniz@terra.com.br

³ Mestre em Enfermagem, enfermeira e professora da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas- UFPel. silvialrg@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

As medidas de segurança do cliente e do profissional no ambiente hospitalar estão englobadas no conceito de biossegurança, considerado de extrema importância no cotidiano das práticas de saúde.

Segundo pesquisadores da Comissão Interna de Biossegurança da Fundação Oswaldo Cruz, Biossegurança é o conjunto de ações destinadas a precaução, minimização ou eliminação de riscos intrínsecos as atividades de pesquisa, produção, educação, desenvolvimento tecnológico e prestação de serviços, riscos que podem afetar a saúde do homem, do meio ambiente ou a qualidade dos serviços desenvolvidos (TEIXEIRA, P, VALLE, S, 1998).

Basicamente, as normas de Biossegurança englobam todas as medidas para evitar os riscos, sejam eles biológicos, físicos, químicos, ergonômicos e psicológicos.

As precauções padrão são medidas de segurança presentes no cotidiano dos profissionais da saúde figurando como recomendações básicas para a segurança da equipe e do paciente e incluem o uso de barreiras como os equipamentos de proteção individual (FERNANDES, A.T., FERNANDES, M.O.V., RIBEIRO FILHO, N., 2000; MULLER, GRAZIANO, HOEFEL, 2006).

Segundo Rey et al (2005), para a proteção da equipe de enfermagem durante o processo de desinfecção de alto nível, que é caracterizada por promover a destruição de todas as formas de microorganismos com exceção de alguns esporos bacterianos, é recomendado o uso de equipamentos de proteção individual a saber: avental impermeável, luvas, óculos de proteção e máscaras faciais descartáveis impregnadas com carvão ativado para reduzir a inalação de possíveis vapores.

¹ Os dados deste estudo integram o trabalho monográfico, requisito parcial a obtenção do título de bacharel em enfermagem, de autoria dos autores deste resumo, intitulado: "O conhecimento do técnico de enfermagem na utilização do ácido peracético na desinfecção de alto nível".

O ácido peracético consiste em uma solução em concentrações que vão de 0,2% a 0,35% (MULLER, GRAZIANO; HOEFEL, 2006). Apresenta-se como uma solução que, além do ácido peracético, é composta pelo peróxido de hidrogênio e água (FRACARO, 2005). Sendo indicado para desinfecção de alto nível e esterilização de artigos críticos e semi-críticos (ARTICO, 2007). Svidzinski et al (2007) esclarecem que, para manusear o desinfetante líquido químico ácido peracético deve-se sempre utilizar os equipamentos de proteção individual.

Assim, o presente trabalho objetiva identificar os equipamentos de proteção individual utilizados pelo técnico de enfermagem ao manipular o ácido peracético.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia empregada na realização deste trabalho tem caráter qualitativo, do tipo exploratório e descritivo. A coleta dos dados foi realizada através de uma entrevista semi estruturada realizada com seis profissionais técnicos de enfermagem que desempenham entre suas funções a desinfecção de alto nível com o ácido peracético em um hospital escola localizado em cidade do Sul do Rio Grande do Sul nas unidades de Endoscopia, Unidade de Tratamento Intensivo Geral e Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal e Pediátrico.

Este trabalho obteve aceitação da gerência de enfermagem do hospital de ensino em que foi realizado e posterior aprovação do Comitê de Ética da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas em 18/05/2009, conforme ata nº. 02/2009, protocolo nº. 10/2009, parecer nº.15/2009. A coleta dos dados foi realizada após o parecer de aprovação do comitê de ética e mediante a assinatura de termos de consentimento livre e esclarecido por parte dos sujeitos. Os mesmos foram identificados por nome fictício de acordo com a sua escolha, dessa forma garantiu-se o anonimato dos entrevistados.

Este trabalho adotou por referencial teórico metodológico Minayo (2006), desta forma, o processo de avaliação dos dados obedeceu às etapas em que a análise temática operacionalmente se desdobra. Desta forma, as informações foram gravadas, transcritas na íntegra, avaliadas de acordo com o entendimento dos autores da pesquisa e fundamentadas na literatura consultada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As medidas de precaução padrão adotadas quando em contato com o ácido peracético foram assim descritas pelos participantes do estudo

“Luva de procedimento comum, no verão a gente acaba utilizando manga para não respingar na pele, que ele coça e desbota a pele na hora, e só.” (Maria Felicia)

“Luva às vezes óculos e só, e máscara, eu uso sempre máscara de filtro químico.” (Joana Cardoso)

“Olha, nos usamos luva e temos as máscaras, mas, não é usado tempo integral porque causa desconforto.” (Maria)

Pode-se observar a partir dos depoimentos que entre estes profissionais existe uma baixa adesão ao uso de equipamentos de proteção individual (EPI's), o que pode ser considerado um fator preocupante, uma vez que é de responsabilidade destes fazer uso das medidas de precaução padrão quando em serviço (TURRINE; LACERDA, 2004).

Ao manipular o ácido peracético sem os devidos EPI's o técnico de enfermagem está exposto a riscos químicos desnecessários. Acerca disso Steimhofel, Picolli e Maraschin (2002) pontuam que os riscos químicos provenientes da manipulação de substâncias utilizadas em área de limpeza, desinfecção e esterilização dos materiais por serem menos evidentes que os riscos biológicos dificultam muitas vezes a adesão do trabalhador aos equipamentos de proteção individual. Talvez essa seja a explicação para a banalização do risco por parte dos profissionais, os quais realizam o processamento de artigos com ácido peracético.

Sobre o conhecimento dos EPI's um dos sujeitos demonstrou conhecê-los em sua maioria, porém não faz uso dos mesmos, como pode ser conferido em seu depoimento:

“Eu nenhum (risos) só a luva assim, mas fora a máscara, aquela do carvão ativado e o óculos que a gente deveria usar eu não uso.” (Fernanda)

Este relato aponta uma dicotomia entre saber e fazer, uma vez que entre o dever e o fazer existe uma grande distância. Este fato leva a concordar com Martini e Dall' Agnol (2005) quando estes afirmam que possuir o conhecimento teórico necessariamente não se reverte em colocá-lo em prática, sendo necessário para tanto possuir ética e bom senso. Pois, segundo Spricigo e Madureira (2003), muitos profissionais de enfermagem possuem informações suficientes para protegerem-se e, no entanto, expõem-se sem necessidade a situações de risco.

4. CONCLUSÕES

Entre os sujeitos entrevistados verificou-se que existe uma baixa adesão ao uso dos EPI's.

A partir dos depoimentos dos sujeitos da pesquisa fica evidente a necessidade da instituição planejar e implementar ações educativas e treinamento em serviço sobre a importância dos profissionais aplicarem as medidas de biossegurança com ênfase no uso de equipamentos de proteção individual. Estas ações educativas devem despertar a consciência do profissional técnico de enfermagem sobre o trabalho com segurança para si e para as outras pessoas.

Tendo em vista que a informação é uma grande aliada para o despertar da percepção do profissional quanto a necessidade de cooperação na adesão às medidas preventivas, evitando assim, futuras exposições desprotegidas. Sugere-se reforço, através de ações educativas, das medidas de biossegurança ao manipular o ácido peracético.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTICO, G. **Eficácia do Ácido Peracético na desinfecção de instrumentos contaminados**. 2007. 90f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Odontologia da USP. São Paulo.

FERNANDES, A.T., FERNANDES, M.O.V., RIBEIRO FILHO, N. organizadores. **Infecção Hospitalar e suas Interfaces na Área da Saúde**. São Paulo: Atheneu, 2000.1721p.

FIOCRUZ Fundação Oswaldo Cruz. Glossário em Biossegurança. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/bis/startbis.html>>

Acessado em 03 de fevereiro de 2009.

FRACARO, G. B. **Influência da imersão em desinfetante a base de ácido peracético sobre propriedades de um compósito odontológico de uso indireto.** 2005,58f. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de odontologia. Programa de Pós Graduação em odontologia. Clínica Odontológica (materiais dentários), Porto Alegre.

MARTINI, A.C, DALL' AGNOL, C.M. Porque lavar ou não as mãos motivos de um grupo de enfermagem. **Rev Gaúcha Enferm** Porto Alegre (RS), v. 26, n.1, p. 88-101, abril, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento.** Pesquisa qualitativa em saúde. 9ª edição revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec, 2006. 406p.

MULLER, S, GRAZIANO, K.U., HOEFEL, H.H. **Manual de limpeza e desinfecção de aparelhos endoscópicos SOBEEG** (Sociedade Brasileira de Enfermagem em Endoscopia Gastrointestinal), 2006. 21p. Disponível em: <<http://anvisa.gov.br/servicosade/control/manuais.htm>> Acessado em: 18 de junho de 2008.

REY, J.F, AXON, M., BJORKMAN, D., FRIED, M., OGOSKI,T., SAENZ,D. . **WGO Practice Guidelines.** Desinfecção de Endoscópios. Trad. JORGE, S.G., dez 2005, 23p. Disponível em: www.omge.org/assets/.../guidelines/endoscopes_desinfection_pt.pdf . Acessado em: maio 2009

SPRICIGO, L., MADUREIRA, V.S.F. Conhecimento da equipe de enfermagem sobre o risco ocupacional de infecção pelo HIV. **Ciência, cuidado e saúde**, Maringá, v.2, n.1, p 57-65, jan/jun.2003.

STEIMHOFEL, E., PICOLLI, M., MARASCHIN, M. A utilização de equipamentos de proteção individual pela equipe de enfermagem na área de limpeza e desinfecção de materiais: Revisando a literatura. **Ciência, cuidado e saúde**, Maringá, v.1, n.2, p 299-307, jul/dez.2002.

SVIDZINSKI, A. E. et al. Eficiência do ácido peracético no controle de *stafilococcus aureus* metilina resistente. **Cienc. cuid. Saúde** v.6, n.3, p.312-318. jul/set. 2007.

TEIXEIRA, P., VALLE, S. **Biossegurança:** uma abordagem multidisciplinar. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1998. 362 p.

TURRINE, R.N.T, LACERDA,R.A.Capacitação de recursos humanos para a implementação do programa de controle de infecção.**Texto e contexto Enferm.** v.1, n.13 p.25-33, 2004.